

ENTRE FENDAS E NERVURAS: LETRAS PARANAENSES NA “REDE”

Nincia Cecilia Ribas Borges Teixeira¹

RESUMO: A escrita de autoria feminina hoje se insere no universo da crítica literária de uma forma que não permite a associação entre valores de ordem estética e outros medidos pela questão do gênero. A presente pesquisa analisa a escrita de autoria feminina na obra da escritora paranaense contemporânea Lindsey Rocha. A autora tem grande parte de sua produção “publicada” na rede de computadores, uma forma de interagir e dialogar, em um vasto campo investigativo que pode transitar por áreas e teorias distintas. Para Judith Butler (2003), na busca pela constituição do eu, inventam-se uma identidade e uma coerência que não são senão ficcionais. Assim surgem os gêneros paródicos. Cada re-escritura, cada paródia implica uma abertura para uma liberdade de constituição de um sujeito. Cada interpretação origina uma diferença. Dessa forma, Rocha utiliza-se da intermedialidade propiciando um deslocamento nas formas tradicionais de análise e produção de sentido, abrindo caminhos para um mundo de novas possibilidades de construção coletiva da subjetividade. O estudo pretende proporcionar visibilidade acadêmica as escritoras paranaenses, (re)construindo, de certa forma, o cânone literário contemporâneo.

ABSTRACT: The female authorship writing belongs today to the universe of literary criticism on a way that doesn't allow the association between aesthetic values and other measured by the question of gender. This research analyses the female writing in the work of the contemporary writer Lindsey Rocha, from Paraná. This author has a big part of her production “published” on the internet, a way to interact and dialog, on a vast investigative field that can pass through different areas and theories. For Judith Butler (2003), on the search of self-constitution, it is created an identity and a consistency that are fictional. And that is how the parodic genres are created. Each rewrite, each parody implies an opening to a freedom to constitute an subject. Each interpretation origins a difference. Thus, Rocha uses the intermedia providing a shift in the traditional forms of analysis and production of meaning, and she opens avenues for a world of new possibilities for collective construction of subjectivity. The study aims to provide academic visibility to the female writers on Paraná. (re)building, on a certain way, the contemporary literary canon.

¹ Pós-doutora em Ciência da Literatura. Doutora em Letras. Professora do Departamento de Letras-Universidade Estadual do Centro-Oeste. Tutora PET-Letras (UNICENTRO). nincia@unicentro.br

Palavras-chave: literatura paranaense; identidade, autoria feminina

Introdução

A trajetória da literatura de autoria feminina no Brasil, na atualidade, caracteriza-se pela busca de uma identidade própria, de uma escrita e de uma representação mais autêntica e livre. É fator extremamente relevante para compreender a dificuldade das escritoras se firmarem as limitações e restrições impostas pela sociedade machista na qual a mulher sempre figurou como dominada e submetida às vontades do homem. As dificuldades encontradas no campo literário são reflexos das dificuldades encontradas no campo civil, político e cultural como um todo.

As investigações que visam a resgatar textos de autoria de mulheres, que hoje constituem uma das mais produtivas linhas de pesquisa no âmbito dos estudos feministas, têm levantado questões esclarecedoras e pertinentes sobre o sistema de representações operadas pelo construto da história literária. Visto que seus fundamentos estão comprometidos com convicções estéticas ao expressar valores ideológicos explícitos, mantenedores da invisibilidade no cânone, da produção literária procedente de autoria de mulheres. Salienta-se a importância da revisão do discurso crítico, pois é ele responsável, em última análise, pelo estabelecimento de quadros de referência que regulam as condições de recepção de obras dentro de um determinado contexto nacional, vindo a definir o que se entende por boa literatura e, portanto, a determinar que obras constituem a singularidade representativa, discursiva e simbólica, da cultura nacional.

A literatura de autoria feminina, tem se revelado um campo profícuo, porém, dela ainda é requerida afirmação plena no interior da literatura universal. Essa cobrança resulta da emergência da perspectiva da diferença, paulatinamente, maior expressão da sensibilidade da mulher sob uma ótica particular, a partir de um sujeito de representação próprio. A visibilidade de tal produção tem se prestado a revelar aspectos de uma intimidade preservada ao longo dos séculos da história e propicia a insurgência de um vivido, marcado pelo recato, pelo segredo, pela sutileza ou, mesmo, por um cotidiano

enredado em obediência, submissão, acomodação, resistência e/ou afirmação. Na natureza representativa da literatura, está o seu modo de ser, de existir dependente de sua função tanto artística como social em seu caráter documental. O fenômeno literário, tomado como conjunto de elementos interdependentes, que agem em interação, desenvolve-se historicamente dentro de um outro sistema maior, revelando todas as nuances da cultura, recriando aspectos da realidade. Inquestionável, portanto, a contribuição de tais vivências, cujos relatos, através da literatura, são convertidos em documentos escritos e publicados, legados aos vindouros.

A trajetória da literatura de autoria feminina no Brasil, na atualidade, caracteriza-se pela busca de uma identidade própria, de uma escrita e de uma representação mais autênticas e livres.. É fator extremamente relevante para compreender a dificuldade das escritoras se firmarem as limitações e restrições impostas pela sociedade machista na qual a mulher sempre figurou como dominada e submetida às vontades do homem. As dificuldades encontradas no campo literário são reflexos das dificuldades encontradas no campo civil, político e cultural como um todo.

Segundo Gomes (2009),

As pesquisas sobre a produção feminina, campo em que se situa o nosso trabalho, objetivam dar visibilidade e voz à historicidade das mulheres. Desenham, à luz da história das mentalidades e da história do social, uma história de olhares situados (marcados por muitos *lugares*: gênero, raça, classe, orientação sexual, geografia, etc). A perspectiva feminista concebe a construção do objeto a partir da politização do lugar de enunciação, preocupando-se em traçar uma história cultural dos espaços e das identidades femininas, assim como das modalidades de relações entre os sexos sociais.²

Letras paranaenses na escrita de autoria feminina

Um fenômeno social está inserido em determinadas práticas, portanto, para analisá-lo, é necessário determinar as características nas diversas etapas históricas do desenvolvimento da vida em sociedade, ressaltando suas mudanças. Nesse sentido, a

² GOMES, Simone Caputo. “Literopintar Cabo Ver de: a criação de autoria feminina” *Revista Crioula* – nº 3 – maio de 2008. Disponível em:< <http://www.fflch.usp.br/dlcv/revistas/crioula/> >. Acesso em 2 de novembro de 2009

história da trajetória feminina não pode ser entendida como uma sucessão de fatos no tempo, mas como o modo que a sociedade, em determinadas condições, cria os meios e as formas de existência social, política, econômica e cultural.

A reflexão sobre a escrita de autoria feminina remete ao processo histórico que a produz, como fenômeno cultural, bem como as relações de poder no confronto de interesses que ocorrem na sociedade e que irão influenciar em seus significados. Dessa forma, é preciso refletir sobre o passado para que se possa compreender o presente.

Na formação da sociedade paranaense, pode-se visualizar traços culturais variados e distintos que se mesclaram e deixaram marcas no comportamento provinciano e conservador de seu povo, especialmente, quanto se refere à conduta feminina. O comportamento da mulher paranaense, conforme o lugar que ocupa dentro dessa sociedade, é permeado de regras e traços de uma sociedade agrária, que exige um comportamento recatado e doméstico próprio dos costumes da vida nas fazendas, regras que estão enraizadas não só na classe dominante, mas que também orientam o comportamento das famílias de classe alta e média, as quais exigem que a mulher tenha uma "boa formação": escolas religiosas e façam um casamento com bons partidos. Mas, na realidade, sob o manto da permissividade ou do respeito a todas as expressões individuais e coletivas, está um Paraná austero, conservador em suas práticas políticas e sociais, um estado vigilante de seu código patriarcal. Talvez, por toda essa atmosfera, recrudescam e se perpetuem as regras patriarcais que regiam o comportamento da mulher no século passado.

Apesar das conquistas e de significarem mais de 44% do mercado de trabalho no Paraná, as mulheres continuam enfrentando obstáculos para a ascensão profissional. O rendimento das mulheres é 42% inferior ao dos homens. As trabalhadoras ainda recebem menos porque se inserem profissionalmente em ocupações de menor remuneração, produtividade e prestígio social. Os segmentos que mais absorvem força de trabalho feminina são os mais desvalorizados no mercado de trabalho e os que tendem a propiciar remunerações mínimas, como o setor de saúde, educação e serviços pessoais, principalmente o emprego doméstico. A entrada de qualquer bandeira feminista foi sempre dificultada por essa mentalidade hegemônica, misto de ideologia agrário-burguesa com a regência da Igreja.

A exclusão histórica da autoria feminina no campo institucional da literatura, em especial no Paraná, foi resultado de práticas culturais que privilegiaram a enunciação do

sujeito dominante da cultura, o sujeito masculino. As causas do silêncio envolvendo a história literária da mulher encontram-se nos preconceitos que sempre cercaram a escrita feminina. Os críticos literários do passado, em sua maioria homens de letras, sempre tiveram uma atuação determinante na configuração dos cânones nacionais, através de trabalhos acadêmicos.

No século XIX, são destaques no campo cenário literário paranaense Mariana Coelho e Júlia da Costa. Mariana Coelho se dedicou a escrita de textos de caráter ensaístico, nos quais refletiu sobre a condição da mulher. Publicou a obra *Evolução do feminismo* em 1933, em que apresenta uma coletânea de informações sobre fatos, dados científicos e pessoas que, de alguma forma, seja com suas ações, produções literárias, projetos de lei e atitudes, puderam subsidiar a defesa da tese feminista, da igualdade intelectual e de direitos entre homens e mulheres.

No século XX, destaca-se, no campo literário paranaense, a poeta Helena Kolody. A artista nasceu em 1912 é autora de numerosos livros de poemas. Antes publicava-os em jornais e revistas. Seu primeiro poema intitulou-se “A Lágrima”, ela contava, então, com dezesseis anos e seu primeiro livro publicado intitulava-se *Paisagem interior*, de 1941. Foi a primeira mulher a integrar a Academia Paranaense de Letras. A poeta Alice Ruiz é figura representativa da poesia curitibana. Seu primeiro livro, *Navalhanaliga*, foi publicado quando tinha 34 anos. Escreveu, no início dos anos 1970, antes de publicar seu primeiro livro, textos feministas, e editou algumas revistas, além de textos publicitários e roteiros de histórias em quadrinhos.

No Paraná, entre escritoras reconhecidas e outras que ainda precisam ser descobertas (nascidas ou radicadas aqui), além daquelas já citadas, estão Lindsey Rocha, Greta Benitez, Estrela Leminski, Gloria Kirinus, Assionara Souza, Wael de Oliveira, Marília Kubota, Cláudia Ortiz, Regina Benitez, Adélia Maria Woellner, Sabina Anzuategui, Luci Collin. Contudo, a impressão de que não há escritoras, refere-se, sobretudo, à falta de espaço regular para publicação e na falta de remuneração para o ofício. Entretanto, isso não se restringe a autoras paranaenses.

Entre fendas e nervuras: as letras e o silêncio

Lindsey Rocha nasceu em Curitiba, em 1977. Dedicou-se ao estudo das artes cênicas e plásticas. Leciona Língua Portuguesa e Literatura. É autora do livro *Nervuras do silêncio* (Editora 7Letras). Mantém o blog “Nervuras” (<http://nervuras.blogspot.com>) “De asa e de meia” (<http://deasaedemeia.blogspot.com>). A autora tem grande parte de

sua produção “publicada” na rede de computadores³, uma forma de interagir e dialogar, em um vasto campo investigativo que pode transitar por áreas e teorias distintas. Dessa forma, utiliza-se da intermedialidade propiciando um deslocamento nas formas tradicionais de análise e produção de sentido, abrindo caminhos para um mundo de novas possibilidades de construção coletiva da subjetividade.

A literatura, atualmente, dialoga com outras esferas da mídia, essa apropriação de novos recursos dos textos literários lança novas práticas que fogem ao rigor imposto pelos gêneros literários canônicos, ou seja, uma prática tradicionalmente fundamentada na cultura do livro. Flora Süssekind afirma que a ficção brasileira contemporânea apresenta, “[...] um traço que bastante característico: o diálogo entre forma literária e imagens técnicas, registros sonoros, movimentos, mecânicos, novos processos de impressão”

A escrita de Lindsey Rocha coloca em questão diversos traços vinculados à construção do sujeito moderno: a identidade individual, a importância da experiência pessoal e da sinceridade. Em seu blog, o comentário da experiência cotidiana do tempo presente e a narrativa em si aparecem mesclados à ficcionalidade. A criação de personagens escamoteia a revelação da intimidade, num exercício de autoficcionalização. Ao mesmo tempo em que a não revelação da identidade do autor pode deixar o leitor em dúvida quanto à veracidade do que é narrado, o anonimato também pode favorecer a sinceridade. Os escritos íntimos virtuais transitam entre o real e o ficcional: “[...] por um lado, a influência do romance na paixão pela invenção narrativa, e, por outro, a do jornalismo, no interesse pela difusão dos fatos e pelo olhar crítico pessoal sobre eles” (Schittine, 2004, p. 62.)

A autora não escreve somente sobre mulheres, e nem precisa, pois, sua obra se insere em um momento que a luta se arrefece e, aos poucos, os critérios tornam-se universais. Ainda assim reconhece que sua forma de narrar, como a de todo escritor, está condicionada por valores, entre eles o sexual não mais determinante que os de espaço geográfico, tempo, entre outros, todos culturais.

³ Os contos aqui analisados são encontradas em seu blog “Nervuras”.

Lindsey compõe a harmonia das suas faculdades expressivas entre o contar-se, o contar os “outros” e discursar sobre a arte de escrever, universalizando e traduzindo em arquétipos, problemas subjetivos individuais . Assim, por meio de associações transforma a relação autor/livro/leitor em uma outra que poderíamos esquematizar da seguinte forma: homem/vida/universo.

A história que tece é a narrativa do ser. Uma narrativa sobre a narrativa, o que é o mesmo que dizer sobre a invenção do homem. A autora se reinventa, ao se reinventar na narrativa, foge de uma realidade que poderia sufocar e reprimir a “louca” que cada um de nós guarda em um quarto da casa, que amamos, mas torcemos para que os vizinhos não escutem seus gritos e cantos e pense mesmo que ela não existe.

É relevante destacar que os contos de Rocha refletem a falta de consciência e o fracasso existencial do homem/mulher contemporâneo. Em seus escritos, a recorrência de personagens cujas identidades estão sempre à deriva; sujeitos fragmentados e incapazes de estabelecer uma narrativa coerente do “eu” que confira significado e sentido a sua própria existência. É o que se observa no conto, “Andares”⁴:

andava pelo acostamento. os passos lentos, quase noite. nas árvores, algo de familiar. se chegasse mais perto e colhesse um de seus frutos, sentiria o gosto de estar ali. mas não saía do asfalto - tinha medo de lobisomem. [...] os pés doendo há aproximadamente duas horas. [...] o peito dói. parar é inevitável. o regaço vermelho que se forma indica o caminho. a cada passo, o corpo mais branco.[...] . não há forças para levantar. [...]alguns objetos são ocre e estão em cima de pedras de carvão. uma carta da alemanha. algumas latinhas de chocolate. um caderno de música. o vestido de formatura. um pião de madeira. figurinos. pincéis. a bolsa da vó. máscaras de argila. desenhos de criança. chocalho de bebê. presentes. quando no corpo já não resta sangue, chega, finalmente, ao berço. dorme com a última faísca de vida a lhe queimar a lembrança. (Rocha,2009)

A escrita é fragmentada. Note-se a ausência de letras maiúsculas e o excesso de pontuação no texto, que gira em torno da ausência que o branco da folha sugere. Dessa forma, é pela palavra que a escritora desenvolve a contínua transmutação de significantes, gerando novos sentidos e possibilidades de ser. O texto, uma narrativa lírica, apresenta uma linguagem “rápida”, telegráfica, apresenta uma procura incessante

⁴ Respeitar-se-á a forma como foram grafadas as palavras e como foi utilizada a pontuação pela autoras em todos os excertos.

de dizer o mundo e (re)inventar a linguagem a partir de uma estética e elaboração literária criativa, com sua “pinceladas de poesia”.

Há reflexão de um eu que se presentifica nas linhas da escrita, o lirismo evidencia-se de forma clara e enquanto buscas do sujeito da enunciação. No texto, presença e ausência se mesclam num jogo de palavras. Nota-se, também, uma consciência da fragilidade e dos mistérios frente às vicissitudes da vida.

Observa-se que há um entrelaçamento entre vida e morte, “desenhos de criança. chocalho de bebê. presentes. quando no corpo já não resta sangue, chega, finalmente, ao berço. dorme com a última faísca de vida a lhe queimar a lembrança”. A autora desvela uma vida que não é adquirida quando se nasce, mas sim, quando esta se realiza. Pode-se perceber que se revela um confronto de uma vida que não é vida e de uma morte que não é morte: morte e vida assumem um caráter dialético. Nesse contexto, a morte é dimensionada como algo que vai além da destruição do corpo: ela é também reflexo de uma vida alienada e pautada no sobreviver.

Na obra de Rocha, é marcante o entrelaçamento de imagens poéticas centradas na questão da identidade/alteridade e na linguagem marcada pelo teor de modernidade e crítica, tal como no texto “A máscara não pode viver sozinha”:

Um anjo mascarado chorou e sorriu. De suas asas brotaram aplausos. Ele chegou com sua mão e percorreu meu ventre e me embrulhou o estômago e me criou fantoche. Os dedos dentro dos lábios - de fantoche à marionete, bailarina, concubina. Minhas pernas costuradas, paturrilhas, sapatilhas. Minha saia de algodão, a palavra de fio preto e a lã do meu cabelo. Ele chegou com sua mão e me inclinou no abismo. E a água transbordou e me livrou do tombo. Ele me afogou porque morri bem antes. Me costurou pra que eu bordasse o palco. Molestou minha platéia inteira. Destruí do abismo toda a beira. Eco. Não partiu. O corpo entregue em sacrifício mútuo. O sangue enCena pra eu viver em paz.⁵

A memória lírica, no poema, surge enquanto baliza capaz de realizar e resgatar fatos e lembranças passadas, mas sempre organizada de maneira individual, centrada nos artifícios da linguagem, nas modulações de um pensamento que (re)elabora o passado, dando novos sentidos ao ato de lembrar.

⁵ROCHA, Lindsey. “A máscara não vive sozinha”. Disponível em: <<http://nervuras.blogspot.com/2008/02/ele-me-afogou.html>> Acesso em 28 de outubro de 2009.

O conto “A máscara não pode viver sozinha” distancia-se de convenções formais. A narrativa é engendrada de forma não-linear, a perspectiva múltipla, a representação antimimética e os gêneros literários indefinidos caracterizam sua escrita. É uma literatura formalmente heterogênea que mescla questões sobre as relações entre gênero literário e sexo, linguagem e subjetividade, memória pessoal e popular. A narrativa em questão, atravessa fronteiras, tempo e espaços e encaixa-se no paradigma pós-moderno.

Segundo Horkheimer e Adorno “[...] o que o indivíduo foi e experimentou no passado é anulado em face daquilo que ele agora é, daquilo que ele agora tem e eventualmente daquilo para o que pode agora ser utilizado”. No conto, “A máscara não pode viver sozinha” parecem ter sido os instantes em que o anjo a empurrou para o abismo, frente ao medo exacerbado e à destruição da culpa, é que ocorre a possibilidade de vida autodeterminada e consciente.

A narrativa de Lindsey Rocha em “ exatamente assim numa tarde de sexta” retoma as formas simples, centradas no relato, que dilui diante da percepção dos procedimentos narrativos e seus impasses :

um brinde ao frio! não mais aquele derretimento absurdo que gruda no curitibano um riso estrangeiro-ovo. depois da chuarada dos últimos dias, as árvores do passeio público exibem nos troncos reflexos do lago. ensolarada, finjo que as águas são limpas [...] ignoro cheiros em prol da cor e vice versa. ali: o bailarino do teatro guaíra exhibe suas pernas-troncos. uma branca lúdica. corre. nervuras atléticas no pescoço. disciplina macaqueada ao sol. [...] vejo o cara no banquinho. penso em como terminá-la, com qual pestana começá-la e vejo o cara no banquinho. all star azul combinando com o meu preto de cano alto. um livro na mão. laços de família. clarice lispector. olho. olho. olho. há uma árvore sobre nossas cabeças de sombra tão frutífera que o amor jamais ousaria esquecer.⁶

A narrativa funciona como janela ou abertura que projeta o leitor para além do narrado. Essa é a noção do gênero que se encontra em Cortazar, para quem o contista, [...] tal qual o fotógrafo, sente necessidade de escolher e limitar uma imagem ou um acontecimento que sejam significativos, que sejam capazes de atuar no espectador ou no

⁶ ROCHA, Lindsey. “ exatamente assim numa sexta feira”. Disponível em: <<http://nervuras.blogspot.com/2007/05/exatamente-assim-numa-tarde-de-sexta.html?>>. Acesso em 3 de outubro de 2009.

leitor como uma espécie de abertura, de fermento que projete a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário .⁷

É interessante verificar que a há traços da personalidade da narradora caracterizada a partir de sua relação com os livros e a leitura, conferindo à narrativa um traço metaficcional que marca a produção literária contemporânea. Percebe-se, com esses exemplos, que a consciência do fazer literário, marca do conto contemporâneo, está presente na ficção de Lindsey: “chego mais perto cantarolando composição própria sem posicionamento inédito: “deixei que a chuva percorresse o vão” ou nada para o raio do teu sol calar”⁸

A narrativa de Lindsey Rocha mostra-se um cuidadoso trabalho com as palavras, que resulta em imagens e associações inusitadas e originais, responsáveis pela criação de novos universos significativos. É possível visualizar nas narrativas analisadas um constante questionamento das fronteiras tradicionais dos gêneros literários. A sonoridade e ritmo introduzidos na linguagem pela produção literária feminina funcionam como uma deliberada transgressão de regras lingüísticas da linguagem canônica.

Conclusão

À medida que as mulheres vão saindo do encarceramento e assumindo sua atividade de sujeitos, sua inserção no cânone literário também se realiza. O reconhecimento de que outras mulheres enfrentaram dificuldades para poder criar e escrever, e que seus textos se assemelham, nos temas e nas formas, aos textos contemporâneos, principalmente no que se refere à indagação crucial sobre uma identidade própria e autônoma, cria um entendimento de que o resgate e a releitura das autoras e seus pares estabelece uma interlocução, uma verdadeira conexão entre elas.

⁷ CORTÁZAR, Júlio. *Valise de cronópio*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 151-152

⁸ ROCHA, Lindsey . “ exatamente assim numa sexta feira”. Disponível em: <<http://nervuras.blogspot.com/2007/05/exatamente-assim-numa-tarde-de-sexta.html?>. Acesso em 3 de outubro de 2009,

Não se pode dizer que esse cenário mudou ou que se apresenta hoje como mais feminino ou como mais acolhedor. As diferenças nos sugerem que ainda há muito a se debater sobre o tema e que, apesar de termos vozes femininas distintas ecoando no cenário literário brasileiro, “o espaço reservado às mulheres no mercado editorial do Brasil é circunscrito a temas que, ao invés de as libertarem de seus papéis opressivos, as colam neles”⁹. Talvez não caiba à literatura propriamente dita a resolução desse problema, já que ela, como espaço social, repete o que a realidade cansa de mostrar.

Não se trata mais de buscar elementos que tragam uma recorrência a preconceitos e apontá-los como exemplos do que não deve ser resgatado na literatura e outras formas de discursos sociais. Lindsey Rocha é mulher do século XXI, independente e inserida (ainda que em editora pequena) num espaço majoritariamente masculino. A escrita dessa autora registra temas comuns como, por exemplo, a condição da mulher e a busca de uma identidade numa sociedade patriarcal.

O que se observa na escrita de Lindsey é que há uma procura em criar um espaço dentro do universo da Literatura, em que a mulher expresse a sua sensibilidade a partir de um ponto de vista e de um sujeito de representação próprios, que constituem um olhar da diferença. Esse discurso feminino assume-se como tal. A construção da identidade feminina passa, indiscutivelmente, pelo recalque do universo masculino, pela diferenciação sexual e por um discurso da diferença.

Vale lembrar que, quando se interroga se existe ou não um “eu” ou um “nós” por trás de ações/construções, não se está a eliminar ou apagar o sujeito; mas apenas a interrogar as condições em que o discurso é produzido e sob as quais opera. Sabemos que a forma como o sujeito é reiterativamente interpelado pelas instituições e autoridades determina, delimita, e alicerça aquilo que é considerado humano. Entretanto, o humano jamais é produzido em contraposição pelo não humano, mas sim pelas exclusões e pelos apagamentos – ou seja, a partir de tudo o que não é articulado culturalmente.

⁹ OLIVEIRA, Márcia Maria Nóbrega. “Sexualidade e corpo: uma abordagem a partir da autorepresentação das mulheres nos romances brasileiros contemporâneos”, disponível na seção “Palavras” do site <http://www.corpuscrisis.cjb.net> Acesso em junho de 2009.

Assim, a realização de pesquisas que enfoquem a escrita de autoria feminina é útil e pertinente, quando se sabe que os valores em que se baseiam os padrões de qualidade literária têm sido predominantemente masculinos, e que as próprias teorias narrativas estão enraizadas na leitura de textos escritos por homens. Portanto, é fundamental uma intervenção sob o viés de gênero. Contudo, a “escritura feminina” pode se constituir em um risco, quando se sugere que mulher escritora é monolítica, que pode ser representada de forma homogênea. A realidade mostra que a escrita de autoria feminina é múltipla, diversa e heterogênea. O perigo é de que uma visão homogeneizante apague as diferenças e as especificidades locais e culturais de raça, etnia, classe social e orientação sexual.

Bibliografia

GOMES, Simone Caputo. “Literopintar Cabo Ver de: a criação de autoria feminina” *Revista Crioula* – nº 3 – maio de 2008. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/revistas/crioula/>>. Acesso em 2 de novembro de 2009

HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W. (1944). *Dialética do esclarecimento*; fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 254p.

OLIVEIRA, Márcia Maria Nóbrega. “Sexualidade e corpo: uma abordagem a partir da autorepresentação das mulheres nos romances brasileiros contemporâneos”, disponível na seção “Palavras” do site <http://www.corpuscrisis.cjb.net> Acesso em junho de 2006.

ROCHA, Lindsey. “ Andares”. Disponível em: < <http://nervuras.blogspot.com/2009/02/andava-pelo-acostamento.html>> Acesso 27 de outubro de 2009.

_____ “ A máscara não vive sozinha”. Disponível em: <<http://nervuras.blogspot.com/2008/02/ele-me-afogou.html>> Acesso em 28 de outubro de 2009.

_____ “ exatamente assim numa sexta feira”. Disponível em: <<http://nervuras.blogspot.com/2007/05/exatamente-assim-numa-tarde-de-sexta.html?>. Acesso em 3 de outubro de 2009,

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 19-21.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 18.